

O ENSINO EM BAGÉ - A ARTE CONTEMPORÂNEA NESTE CONTEXTO

ANA BEATRIZ CAMPOS VAZ¹
URSULA ROSA DA SILVA³

¹Universidade Federal de Pelotas- abcvaz@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas- ursulasilva@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo investigar o ensino de arte em escolas de Bagé, e como a arte contemporânea se vê neste contexto. A pesquisa se desenvolve no Mestrado em Artes Visuais da UFPel sob a orientação da Professora Dr^a. Ursula Rosa da Silva.

O interesse provém de minhas ações em sala de aula, nas quais a arte contemporânea é tratada pela possibilidade que oferece de colocar em discussão questões relativas ao que é vivido no cotidiano.

A subjetividade manifesta na expressão do aluno e no contato com artefatos culturais pode servir de suporte para que este se veja como parte constitutiva do processo educativo. Neste ângulo, a cultura visual é contemplada por sua vocação em lidar com o contexto emergente e com as diferenças que dele emanam. É necessário ter presentes os discursos visuais produzidos hoje, com seus múltiplos enfoques e que demandam novos saberes. Saberes, que conforme HERNÁNDEZ (2007), favoreçam o entendimento de si e da realidade vivida e como as visualidades se processam. Saberes que levem a compreensão das produções de outras culturas, no entanto, não através de concepções universais, mas, percebendo o contexto de onde vieram (HERNÁNDEZ, 2000).

O público, por conviver com imagens consagradas, acostumou-se a recebê-las como arte. A questão da beleza ainda vinculada à criação artística vem à tona como inerente à obra de arte. O conceito do belo como ideal deriva da concepção platônica na qual a moral e a beleza estão unidas numa busca de exatidão e equilíbrio. O equilíbrio pensado como universalização do que seria verdadeiro expressar, ainda parece vigorar no que é pensado sobre arte.

Mas, de que verdades o Século XXI dispõe? Talvez a única seja justamente o fim dessas verdades. A modernidade, para MAFFESOLI (2005), trazia a idéia de progresso ou projeção no futuro, que funcionavam como direção na qual se fixar. Na pós-modernidade, são as relações que estabelecem este aporte. A experiência partilhada e o não afastamento da natureza, ou seja, a natureza como o Outro, mas, não mais como um objeto afastado.

A arte contemporânea traz consigo os questionamentos que não foram respondidos pela arte moderna, no entanto, não os nega (BOURRIAUD 2009) e nem tenta respondê-los, mas, ao contrário, propõe novas indagações ante uma miríade de escolhas e caminhos possíveis. Em nada parece ser excludente.

Como o público poderia ter acesso a obras contemporâneas, que às vezes, por seu caráter efêmero podem nem ser notadas? Como este público poderia se

relacionar com a arte atual sem usar os critérios que adquiriu e que até então lhe davam segurança sobre o que se apresentava à sua frente como arte?

Vejo nas aulas de arte o lugar propício para trazer o debate colocando em pauta essa discussão. CUNHA (2012) salienta que a arte contemporânea mostra as práticas vividas pelos alunos, contudo, quiçá esteja fora do contexto escolar, justamente pela não intimidade dos docentes com estas práticas, ou pelo desconforto que elas, muitas vezes, provocam. Será que as escolas referidas estão se posicionando dentro de um enfoque, ainda da modernidade onde as “técnicas” são o fazer, ou será que a arte atual se faz presente e a “técnica” é só um artifício.

A arte contemporânea, pela sua natureza híbrida e seu caráter democrático, no sentido de não haver espaço para censura, pode favorecer um envolvimento maior por parte dos alunos porque, a princípio, as regras ficam de fora. CUNHA (2012, p.121) refere: “[...] o quanto as diferentes modalidades da Arte Contemporânea tem a nos ensinar sobre um olhar aguçado/questionador sobre o mundo [...]”.

O meu objeto de pesquisa não está afastado de meu corpo, pois é visto de dentro a partir de minhas práticas. Para tratar destas questões me apoio, também, no que tange à metodologia em LANCRI (2002), que se refere ao meio como começo, ou seja, do meio do meu fazer pedagógico, é que surgiram as questões que estou considerando. Essas são referências para me ajudar na construção desta pesquisa, visto que, é do meu exercício em sala de aula com a arte contemporânea que surgiu a necessidade de vislumbrar os currículos das escolas de Bagé e o espaço que a arte contemporânea ocupa nestes.

2. METODOLOGIA

A investigação acontece em escolas da rede pública municipal, escolas da rede estadual e escolas da rede privada. A pesquisa tem uma abordagem qualitativa, sendo o aspecto quantitativo considerado, e de revisão bibliográfica, constituída por meio de entrevistas estruturadas, porque as perguntas são as mesmas de acordo com o grupo a qual se destinam, quais sejam: docentes, alunos e coordenação pedagógica. Porém, as respostas são abertas, pois não são previamente estabelecidas. Optei por estes públicos específicos por entender que poderia obter um apanhado a partir de realidades que reflito serem distintas. Com turmas da série/ano final do ensino fundamental, pela hipótese que, neste período de escolarização, o senso crítico do aluno está em desenvolvimento e expressões “como não sei desenhar” estão muito presentes. Também, pela história vivida por este aluno em todo o seu percurso até aqui, e que pode, de certa forma, ter adquirido, por experiência, um contato maior com a arte. Quer seja esta produzida por artistas, ou, através de suas próprias práticas em sala de aula. A ideia é que a arte contemporânea está livre de pré-conceitos e desta forma pode favorecer o contato do aluno de forma diferenciada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa se encontra em fase inicial onde realizei revisão bibliográfica. Neste contexto, estou utilizando os escritos de BOURRIAUD, HERNÁNDEZ, CUNHA, MAFFESOLI, LANCRI. Além do trato com estes autores, realizei a busca em teses e dissertações que possam me mostrar os caminhos que foram percorridos, e o que deles permitam me valer.

Já comecei o contato com escolas, e neste momento, as relações que necessitam ser estabelecidas entre mim e a escola, através de seus representantes, estão sendo firmadas.

4. CONCLUSÕES

Diante do exposto penso ser relevante a atuação do professor, como mediador, neste processo de favorecer acesso às produções contemporâneas, ampliando repertórios, oportunizando a pesquisa e reflexão. Sem falar que a arte atual lida com assuntos que podem estar no cotidiano dos alunos. Como, então, poderia estar fora do contexto da sala de aula? Vejo as questões presentes na arte atual, como reflexos de um tempo que está sendo vivido e que passam pelo contexto escolar, e este, não poderia alijá-lo de suas discussões.

Como a pesquisa se encontra em andamento, os resultados estão em aberto. Tenho consciência de que há muito pelo caminho e como diz Maurice Blanchot (2010), creio ser esta uma *conversa infinita*, porque várias questões têm me perseguido e é em torno delas que se desenvolvem as minhas buscas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita**; tradução Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2010. 152 p.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**; tradução Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009.

CUNHA, Suzana Rangel Vieira da. Questionamentos de uma professora de arte sobre o ensino da arte na contemporaneidade. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (organizadores). **Cultura das imagens: desafios para a arte e para a educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2012. Cena 2, p. 99-121.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2006.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**; tradução Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual**; tradução Ana Death Duarte. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LANCRI, Jean. Modestas proposições sobre as condições de uma pesquisa em artes plásticas na universidade; tradução Sônia Taborda. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (organizadoras). **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Ed. da Univ., 2002. Colóquio sobre a metodologia da pesquisa em artes plásticas na universidade, p. 17-33.

MAFFESOLI, Michel. **O mistério da conjunção: ensaios sobre a comunicação, corpo e socialidade**; tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.